

6-2002

As Irmãs Missionárias do Espírito Santo - história de uma fundação

Josefa Maria Fernandes

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana>

Recommended Citation

Fernandes, J. M. (2002). As Irmãs Missionárias do Espírito Santo - história de uma fundação. *Missão Espiritana*, 1 (1). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espiritana/vol1/iss1/7>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

as irmãs missionárias do espírito santo -história de uma fundação-

Sentimo-nos particularmente felizes em poder publicar no primeiro número desta revista um artigo sobre a fundação das Irmãs Missionárias do Espírito Santo. Eugénie Caps ocupa muito naturalmente o seu lugar ao lado dos outros fundadores da família espiritana, fecunda século após século: Poullart des Places no século XVIII, Libermann no século XIX, Eugénie Caps no século XX ... E a lista não está encerrada. Esta revista interessar-se-á pelos fundadores/fundadoras provenientes do ardente ceppo espiritano, em diversos continentes e em épocas diferentes.

Sublinhamos o grande interesse do artigo da Irmã Josefa Maria Fernandes. A Irmã Monique Lamouroux voltou a trabalhar este texto com a equipa de redacção de “Mémoire Spiritaine” que o publicou no seu primeiro número em Abril de 1995. Este artigo é, portanto, uma tradução do original francês.

Nascida em Loudrefing (Moselle) a 3 de Junho de 1882, Maria Eugénie Caps tinha oito anos quando a família foi morar em Bouzonville, onde o pai era chefe de estação, antes de ser transferido para Ancy-sur-Moselle.

* Espiritana, portuguesa, missionária em Angola durante 26 anos. De 1977 a 1989, conselheira geral das Irmãs espiritanas, ela interessou-se pelos arquivos da sua Congregação e redigiu, em 1986, um fascículo policopiado de 21 páginas: *Irmãs Missionárias do Espírito Santo. A nossa fundação. Contexto histórico*, do qual é tirado o texto deste artigo. Actualmente a Irmã Josefa Maria trabalha em Braga – Portugal.

Em 1910, após a morte do pai, Eugénie, a mãe e os dois irmãos, voltaram a Bouzonville. Ali, encontrou o P. Eich, que a encoraja na sua vocação religiosa. Com algumas amigas, forma o núcleo de uma família espiritual com a qual ela conta desde os primeiros contactos com os espiritanos de Neufgrange.

Por intermédio destes é apresentada a Mons. Alexandre Le Roy, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo.

A fundação tem lugar a 6 de Janeiro de 1921, em Farschwiller, com Eugénie e as duas companheiras que permaneceram a seu lado.

Em 1927, um primeiro capítulo escolhe a Irmã Michael Dufay como Superiora Geral.

Eugénie, depois de ter organizado as comunidades de Mortain (Manche) e Allex (Drôme), retira-se para Montana (Suíça), onde morre a 16 de Março de 1931, com 38 anos de idade.

I - 1892 – 1921 : Curvas e sinuosidades de um apelo para a Missão

Marie-Eugénie Caps, infância e Juventude¹

Marie-Eugénie Caps nasceu a 3 de Junho de 1892, em Loudrefing (Moselle), numa família que certas circunstâncias infelizes tinham empobrecido: ela própria explica, nas suas notas pessoais, que os avós paternos eram bastante ricos, mas que, ainda muito novo, o pai fora espoliado da sua herança. Depois tornou-se empregado dos caminhos de ferro.

Do lado da mãe, Eugénie era parente do bem-aventurado Jean-Baptiste Moye,² fundador das Congregações da Divina Providência de Portieux e de S. João de Bassel.

Com os seus dois irmãos (Eugénie era a mais velha), Camille e Abel,³ teve uma primeira infância feliz no seio de uma família cristã na qual se fazia oração em comum e onde tudo era orientado para Deus. Frequentou a escola infantil das Irmãs de S. João de Bassel; muito pequena ainda, já se sentia atraída para tudo o que dizia respeito às missões: a Obra da Santa Infância, as narrativas missionárias exerciam já sobre ela uma profunda impressão. Desde o primeiro despertar da razão, Eugénie decidiu consagrar-se a Deus. No seu caderno “A Minha

¹ Arq. Irs esp. 10 G 1. A O principal original utilizado é o manuscrito da Ir. Elise Muller: *Origem da Congregação* (com data de 4 de Março de 1966). A Irmã Elise Muller (1901-1970) faz parte do primeiro grupo de Farschwiller. *Inabalavelmente*, ela anima Eugénie Caps no seu *empreendimento* (é ela quem emprega estas palavras). Com Eugénie, ela persevera, não obstante as dificuldades, na óptica do Instituto: *para as Missões*. De 1930 a 1945, ela trabalha na Martinica. Após uma estadia em Montana (Suíça), ela é conselheira Geral de 1955 a 1965. A sua contribuição foi muito importante para descrever a história da Congregação.

² Bem-aventurado João Martin Moye (1730-1793), da Sociedade das Missões Estrangeiras, foi missionário na China de 1771 a 1784. Será beatificado em 1954.

³ Camille (1894-1969), casado em 1924 com Anne Koch (1894-1977) exercia a profissão de torneiro. O casal teve um filho, Marcel, falecido em Bouzonville em 1989. Abel (1907-1972) fundou uma família de nove filhos. A sua esposa ainda vive em Bouzonville.

Vocação”,⁴ ela conta que um dia estava sentada ao lado da Irmã e olhava para ela: “sentia um desejo profundo de também um dia chegar a ser irmã; é a partir deste momento que posso datar a minha vocação religiosa”⁵

Após a transferência do pai para uma estação próxima de Bouzonville (Filstroff), Eugénie frequentava a escola desta localidade.

A 29 de Maio de 1904, fez, em Bouzonville, a sua primeira comunhão, cuidadosamente preparada pela sua professora. No ano seguinte, a 18 de Janeiro de 1905, teve lugar aquilo a que na Lorena chamavam a renovação, na qual as crianças que tinham feito a primeira comunhão no ano precedente renovavam esta comunhão numa cerimónia solene. Neste momento, Eugénie sentiu-se impelida interiormente a consagrar-se a Deus pelo voto de castidade perpétua, a fim de pertencer inteiramente a Deus.

A 31 de Maio de 1906, recebeu a confirmação e, desde aquele momento, a devoção ao Espírito Santo cresceu e consolidou-se nela.

Neste mesmo ano de 1906, no mês de Agosto, o pai, chefe de estação, foi transferido para Ancy-sur-Moselle, não longe de Jouy-aux-Arches, onde, uns quinze anos mais tarde, Eugénie fundaria o seu noviciado. Era pois necessário deixar o pensionato de Bouzonville e ir para Ancy com os pais. Ali o pai iniciou-a no trabalho de secretariado, contabilidade e de bibliotecária; recebeu lições de costura, de passagem a ferro e aprendeu a manipular as máquinas de tricotar. Eugénie levava uma vida de muito recolhimento, vida de oração e de união com Deus a fim de se preparar para entrar em religião quando chegasse o momento.

Em 1910, o pai, que era cardíaco, apanhou a escarlatina à qual sucumbiu em alguns dias (faleceu a 6 de Março de 1910). Eugénie sofreu muito com a perda do pai.

Em Bouzonville. A sua vocação missionária

Alguns meses mais tarde, a Sra Caps resolveu voltar para Bouzonville com os três filhos. Eugénie tinha 18 anos. O irmão mais velho tinha 16 e não tinha terminado a aprendizagem da sua profissão. Ela encontrou trabalho num banco e tornou-se o apoio da família.

Em Bouzonville ela reatou contacto com as antigas mestras e com uma amiga, companheira de escola, Marguerite Divo,⁶ também aspirante à vida religiosa. Ambas procuravam uma Congregação onde tivessem a certeza, ao ali entrar, de poder partir para a missão. Naquele lugar, as congregações existentes não podiam dar-lhes satisfação, sobre este ponto. Quando ela estava nesta etapa de investigação, num dia do ano de 1912, chegou-lhe às mãos uma revista do

*Sentia um desejo
profundo
de também um
dia chegar a ser
irmã*

*Eugénie levava
uma vida de
muito
recolhimento,
vida de oração e
de união com
Deus*

⁴ Arq.Irs. Esp. 3 A 2 d.. O texto de *A Minha Vocação* pode ser consultado no fascículo policopiado de 48 páginas, aparecido em Abril de 1993. É a este trabalho que nos referiremos para as citações.

⁵ *A Minha Vocação*, p. 3

⁶ Eugénie e Marguerite, durante a infância e juventude, encorajavam-se mutuamente em vista de uma mais profunda união com Deus e do dom efectivo aos outros. Todavia, Marguerite não se comprometerá na fundação com Eugénie, mas entrará noutra Congregação Religiosa.

Menino Jesus de Praga em cujas páginas se encontrava a poesia do Padre Alexandre Le Roy:⁷ *Quero ser Missionário*. Com esta leitura, a sua vocação missionária foi extraordinariamente fortalecida.

Em Setembro de 1913, chegou a Bouzonville como coadjutor, o Sr. P. Jacques Eich. Tratava-se de um sacerdote santo, místico, que vivia numa grande familiaridade com Deus. Os seus numerosos escritos e os testemunhos do povo de Bouzonville, onde fora coadjutor durante 18 anos, e do de Forbarch, sua terra natal, o atestam. Ele vivia no convívio de Deus e das almas e só queria levar toda a gente a esta vida de união íntima com Deus. Tendo sido ordenado padre em 1910 e inspirando-se no *restaurar tudo em Cristo* de S. Pio X, ele tinha imaginado o plano de fundar uma nova congregação que, através de múltiplos ramos, atingisse todas as misérias humanas, a fim de estender o Reino de Cristo. Depois de ter sido, durante um ano, professor no Seminário de Bitsch, foi nomeado coadjutor na Petite Rousselle, Moselle. Tentou realizar ali as suas ideias, reunindo algumas jovens, mas esta experiência falhou rapidamente. Ele aceitou humildemente este fracasso, compreendendo que o momento de Deus ainda não tinha chegado e esperando a manifestação da vontade divina através de um sinal providencial.

Em 1912, o Bispo de Metz, Mons. Benzler,⁸ transferiu-o para Bouzonville, sempre como coadjutor.

Nessa ocasião, Marie-Eugénie tinha o hábito de se confessar ao Arcipreste da paróquia. Um dia, ela teve a ideia de se dirigir, por uma vez, ao P. Eich. Este fez-lhe uma exortação sobre a união com Jesus, numa linguagem que a inquietou e, enquanto o escutava, dizia para consigo: “nunca mais me confessarei a ele”. “A menina talvez pensasse em nunca mais voltar a confessar-se a mim, diz-lhe o Padre; faça como entender, se quiser perder-se”. Ela ficou impressionada! Como é que ele podia saber o que ela estava pensando? Desde aí o P. Eich tornou-se seu director espiritual e levou-a a crescer na união íntima com Deus. Alargou-lhe os horizontes permitindo-lhe, por exemplo, comungar com mais frequência e mesmo quotidianamente. Eugénie declarou: “uma verdadeira conversão se operou em mim”.⁹

Um dia ela comunicou ao seu director o seu desejo de entrar na vida religiosa consagrada, mas, naquele momento, ele respondeu-lhe que não acreditava que ela tivesse a vocação religiosa. Eugénie ficou desconcertada, perguntando a si própria se o P. Eich a compreendia bem; mas as coisas ficaram por ali durante algum tempo.

⁷ *A Minha Vocação*. P. 18. A poesia do P. Le Roy ali é citada por inteiro. É provavelmente durante a sua estadia (de 1878-1880) no colégio de Cellule (Puy-de-Dôme) que Le Roy que ali animava a Academia literária, compôs esta poesia. No momento em que Eugénie a lê, Mons. Le Roy é, desde 1896, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo. Veremos, mais adiante, o papel que será levado a desempenhar na fundação das espiritanas.

⁸ Mons. Willibrord Benzler: nascido em 1853, beneditino de Beuron, abade de Maria-Laach em 1893; Bispo de Metz de 1901 a 1919

⁹ *A Minha Vocação*, p. 19-20

aí o P. Eich tornou-se seu director espiritual e levou-a a crescer na união íntima com Deus

No seu *Diário íntimo*,¹⁰ ela escreveu a 20 de Abril de 1915: “Ofereci a sagra-da comunhão para que Jesus me mostrasse se tinha escolhido o meu confessor, o Snr. P. Eich, para me dirigir. Eis a resposta que me pareceu ter recebido de Jesus: *Diz-lhe que o desejo; que ele tenha coragem e confiança; que tive piedade de ti. Ele deve dirigir-te, mas tu deves obedecer.*”

Camille, o irmão de Eugénie, tinha sido mobilizado pelo exército alemão em 1914, no princípio da Grande Guerra. Enquanto duraram as hostilidades, ele teve de ficar sempre na linha de combate, na Marne, na Somme, em Verdun, e a família não tinha esperanças de o tornar a ver.

O P. Eich tinha dado autorização à Eugénie para comungar todos os dias, mas a comunhão tornou-se o seu grande tormento. A sua alma estava devorada pelo desejo de comungar e, quando se aproximava da santa mesa, era invadida pelos escrúpulos e nunca se achava suficientemente digna de comungar. Contudo, graças à obediência ao seu director, ela recuperava a paz. O problema da sua vocação não cessava de a preocupar. Apesar da opinião contrária do P. Eich, ela continuava persuadida de que tinha sido chamada à vida religiosa e nem sequer um instante duvidou de que esta vocação se realizaria um dia ... Mas como?

25 de Abril de 1915: A visão. Origens da Obra

No dia 25 de Abril de 1915, durante a acção de graças após a comunhão, Eugénie teve uma visão: viu uma assembleia de religiosas que aumentava e se multiplicava a olhos vistos e, interiormente, ela compreendeu que seria a mãe de uma nova obra de Irmãs Missionárias; que era preciso falar disso ao seu director e que ambos deveriam ocupar-se dela. Saiu da visão completamente aturdi-da: como fazer para contar aquilo ao seu director, que nem sequer pensava que tivesse vocação para a vida religiosa? Superando o seu pavor, escreveu-lhe naquela tarde um bilhete com o texto seguinte:

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Meu Jesus Ajudai-me!

Senhor Padre, devo dizer-lhe isto de viva voz, ou redigi-lo aqui?

Esta manhã, depois de ter comungado, estando recolhida em acção de graças, Jesus deu-me a entender que pede uma nova obra de Irmãs Missionárias, e que o Senhor Padre e eu devemos ser os primeiros a nos ocuparmos dela.

Ao mesmo tempo, ouvi estas palavras em mim: *Diz ao teu confessor que eu quero esta obra; e que ele não deve aprofundar mais, pois aquilo que ele deseja começar será coroado de sucesso. E não deve demorar muito tempo. Todavia, não imediatamente.*

Senhor Padre, o que é que V.^a Rev.^a vai pensar disto? Vai ser necessário que eu lhe fale deste assunto a fim de me explicar. Serei talvez repelida, até receio isso, mas, por Jesus, não desanimarei, pois a Sua vontade realizar-se-á.

*Interiormente, ela
compreendeu que
seria a mãe de
uma nova obra de
Irmãs
Missionárias*

¹⁰ Arq. Irs. Esp. 3 A 2 a-b-c. *Diário da Alma*, é a apelação dada ao Diário escrito pela Eugénie; mas ela própria não lhe tinha dado qualquer título.

Quando poderei falar com V^a Reverência?

Viva Jesus! A sua penitente Eugénie”¹¹

Na conversação que a seguir teve lugar, o P. Eich mostrou-se muito surpreendido e revelou que também pensava, desde há muito tempo, em fundar uma obra nova. No acontecimento via o sinal da Providência que estava esperando. Marie-Eugénie tinha compreendido bem, na sua intuição durante a acção de graças, que se tratava de uma nova obra missionária. Mas, durante vários dias, hesitava, julgando impossível aceitar semelhante empreendimento. No interior da sua alma, vivia um drama autêntico. Só recuperou a paz ao aceitar *tudo o que Deus queria*, quer dizer: ser a fundadora e a primeira superiora da nova obra.

O P. Eich entregou-lhe um regulamento de vida e o projecto da sua própria obra: para pessoas boas e piedosas que vivem no mundo, formando uma família espiritual de contemplação e de vida de união com Deus; vários ramos, entre os quais uma obra de professores primários cujo objectivo consistiria em educar as crianças segundo o espírito da Igreja e outro ramo para as pessoas que quisessem ir para a missão. A mesma espiritualidade, baseada no Cântico dos Cânticos, uma vida muito mística deveria unir os diferentes ramos entre si. Eugénie escreve no seu caderno: “A obra do meu director era mais universal, adaptando-se a todas as necessidades da vida cristã. Eu não compreendia muito bem o que ele queria. À sua obra se vieram juntar ainda, no curso dos anos, uma obra de servas dos padres; uma obra de contemplativas de adoração (que deveria aceitar pessoas enfermas que não podem entrar noutras congregações); uma ordem de virgens catequistas a domicílio, etc.”¹²

Bem depressa surgiram dificuldades. Na sua visão Eugénie tinha visto e compreendido que se tratava de *uma nova obra de Irmãs missionárias*. Tudo o resto não podia, por conseguinte, dizer-lhe respeito; e no entanto Deus enviava-a ao P. Eich para que ele a dirigisse. Ela escreve no seu caderno: *As maiores dificuldades vieram do meu director.*

Isto passava-se em 1915, durante a guerra; de qualquer maneira, nada podia ser empreendido no imediato. De comum acordo, compreendendo bem que nenhuma actividade apostólica podia conceber-se sem uma vida de união íntima com Deus, o P. Eich e a sua dirigida decidiram cultivar uma vida de oração e contemplação. As grandes devoções de Eugénie eram: a Eucaristia, o Espírito Santo, o Coração Imaculado de Maria, S. José (o seu homem de negócios, como ela dizia), e o seu Anjo da Guarda. Esta última devoção tinha-lhe sido inculcada pela avó materna. Eugénie contava várias vezes como o seu Anjo a defendeu em momentos de perigo.

Ela comprazia-se nesta vida de união com Deus. Encontram-se muitas vezes, quer nas suas notas íntimas, quer noutros escritos, frases como esta: “não posso conceber uma vida activa que não esteja baseada numa vida muito, muito íntima com Deus”. Mas, por outro lado, não era a contemplação (a que ela cha

¹¹ Arq. Irs. Esp., 3 A 2 c.

¹² Arq. Irs. Esp., 3 A 2 d.

“Não posso
conceber uma vida
activa que não
esteja baseada
numa vida muito,
muito íntima com
Deus”

mava o seu Carmelo) que a seduzia totalmente; com efeito, ela nunca separava a contemplação de *uma grande actividade missionária*. Queria as duas.

Assim se passaram os anos de 1916 e 1917. Um pequeno grupo de amigas se formou à volta de Eugénie e do P. Eich, núcleo de uma família espiritual do qual Eugénie falará mais tarde, quando se dirigir aos Espiritanos de Neufgrange, e do qual ela foi a alma. Por motivos de prudência, ela evitava encontrar-se frequente e prolongadamente com o P. Eich. Ele também preferia utilizar o processo de troca de bilhetes e de cartas; o que nos permite ter hoje, nos arquivos das Espiritanas, um importante lote destes escritos: eles revelam claramente a evolução da obra e a profundidade espiritual da vida do grupo. A fim de evitar as consequências possíveis no caso da perda dos bilhetes, os correspondentes adoptaram pseudónimos, nomes místicos. Marie-Eugénie tomou o nome de Marie Gema (de Maria Gema Galgani)¹³ e o Abade Eich o de Irmão Gabriel (Gabriel Possenti)¹⁴, alma de grande união com Deus e tendo uma mortificação admirável.

Durante todo este tempo, o Abade Eich não cessava de fazer planos, de escrever regulamentos e projectos que a Eugénie não compreendia e a mergulhavam em indizíveis tormentos. Ela só tinha compreendido *um plano unicamente missionário*, e ela o repetia, respeitadamente mas com firmeza, ao Padre. Este começou a ser duro para com ela e a pôs à prova de muitas maneiras. Por vezes, ela duvidava: “seria mesmo verdade que Deus lhe pedia para criar uma obra nova das Irmãs missionárias? Não estaria ela a ser o juguete da imaginação? Como é que Deus faria para desembaraçar esta obra, unicamente missionária, de toda a mistura feita pelo seu director?” Só se acalmou num acto de completo abandono. Quantas vezes ela escreve no seu caderno: “Oh! Tenho confiança, meu Jesus: se quereis realmente esta obra, sabereis conduzi-la a bom fim. Como Deus quiser!”

“Agora, é preciso agir”

O seu irmão Camille continuava na frente militar, nos lugares mais expostos e não se ousava contar com o seu regresso. Eugénie não podia pensar partir para *a missão* e deixar a mãe sozinha. Pediu a Deus que lhe desse como sinal indubitável da Sua vontade, o regresso do irmão. E eis que em 1918, logo que a guerra acabou, no dia 12 de Novembro, o seu irmão entra em casa são e salvo!¹⁵

Agora, é preciso agir, diz ela. Com o P. Eich, ela procurou o apoio de um Bispo ou de uma Congregação Missionária. Fizeram várias diligências: junto dos Monfortinos, de Mons. Allgeyer, Bispo missionário de passagem em Bouzonville,¹⁶ do Bispo de Quito, na América do Sul, ao qual enviaram uma carta,¹⁷ etc; tudo isto sem resultado concreto.

¹³ Gema Galgani (1878-1903), estigmatizada, será canonizada em 1940.

¹⁴ François Possenti, dito Gabriel das Sete-Dores (1838-1862), será canonizado em 1920.

¹⁵ Aqui termina *A Minha Vocação*, texto escrito por Eugénie durante a sua estadia em Montana (Suíça) (1926-1931), a pedido do seu director de consciência, o P. João da Cruz. Ela entregou-lhe o manuscrito a 28 de Março de 1928.

¹⁶ Mons. Emile Allgeyer (1866-1924): espiritano, vigário apostólico de Zanzibar (1897-1913).

¹⁷ Sem dúvida, um conhecimento do P. Eich que, em vista dos seus projectos, entrou em relação com muitas pessoas.

Entretentes, o P. Eich começou a pensar que a Eugénie tinha, de preferência, uma vocação de carmelita e mandou-a ir apresentar-se ao Carmelo de Metz. A Madre Priora disse-lhe que esperasse:

Deus mostrar-lhe-á o caminho.

Em 1917, preocuparam-se com o nome da nova obra. O Abade Eich, inspirando-se na sua espiritualidade, baseada no Cântico dos Cânticos, propôs: As últimas esposas de Jesus, ou As pequenas esposas de Jesus. Mas Eugénie achava que este nome não convinha a missionárias. Um dia, encontrando-se em oração, ao reflectir sobre um nome possível, pareceu-lhe ouvir claramente: *Filhas do meu Coração*. Pensou, primeiramente, no Coração de Jesus, mas, ao chegar ao banco onde trabalhava, abriu a escrivaninha da secretária, e uma pagela do Coração Imaculado de Maria, derrubada de um livro, veio cair-lhe nas mãos, enquanto ela compreendia, interiormente: *Filhas do Coração Imaculado de Maria*. Ao meditar sobre este facto, ela disse para consigo que a miséria de milhões de almas da raça preta, em África, devia ressoar dolorosamente no Coração de Maria, no qual as trazia todas, a fim de as conduzir a Jesus; da mesma maneira que uma congregação missionária devia ser o instrumento de salvação para as almas abandonadas entre as suas mãos.

Uma congregação missionária devia ser o instrumento de salvação para as almas abandonadas

A espiritualidade libermaniana

Também procuravam definir e concretizar o espírito que devia inspirar a nova sociedade. Numerosos bilhetes trocados entre o P. Eich e a Eugénie fazem alusão a isso. Concluíram que as missionárias precisavam de um espírito de união com Deus, baseado no espírito de sacrifício e de renúncia, a fim de poderem exercer a obra da salvação junto dos pagãos. Estava-se, então, em 1919. Naquela altura as exposições missionárias eram frequentes. Numa delas, Eugénie comprou a *Vida do Venerável Libermann*: Leu e releu este livro e ficou deslumbrada! Declara ao P. Eich: *Eis aqui o que será exactamente o nosso espírito!* Foi assim que Eugénie escolheu para a sua congregação, a *espiritualidade libermaniana*.

Aluno dos sulpicianos em Issy-les-Moulineaux, Libermann tinha-se familiarizado com a sua espiritualidade da Escola Francesa do Sr. Olier, fundador dos sulpicianos. Mais tarde, a sua experiência pessoal de Deus e a sua prática missionária à frente da sua congregação, tinham-lhe permitido *personalizar* esta espiritualidade. Marie-Eugénie, nela se reconhecia absolutamente. Sentiu que tinha chegado o momento das avançadas decisivas. Declarou ao P. Eich: “Até aqui foi o Senhor Padre que conduziu as coisas; mas agora, sou eu que me encarregarei delas; desejo, necessariamente, conferenciar com uma congregação missionária”. O P. Eich concordou e disse-lhe que os Espiritanos, filhos de Libermann, tinham uma casa em Neufgrange, na Lorena.¹⁸

¹⁸ Fundado em 1904, o Instituto S. José de Neufgrange era então o noviciado dos Irmãos da Congregação do Espírito Santo.

Os Espiritanos de Neufgrange

Quando ela soube que se tratava da Casa de S. José, da Congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria, exclamou:

“É de lá que nos virá o socorro!” Sem demora, entrou em contacto com os Espiritanos de Neufgrange, através da primeira carta, de 30 de Outubro de 1919. A resposta, pouco encorajadora aos olhos dos que acompanhavam Eugénie, não só não resfriou a sua confiança, mas insuflou-lhe um novo fervor. Numa segunda carta (25 de Novembro) ao Superior de Neufgrange, ela explica um pouco mais o seu projecto:

“O que nos conviria muito, agora, Rev. Padre, era saber em breve, se os Senhores Padres estariam dispostos a ajudar-nos; em particular se queriam aceitar a nossa boa vontade a fim de sermos formadas para o objectivo que pensamos propor-nos e para nos constituirmos em comunidade, nas vossas mãos, e sob a vossa direcção, com o fim de vos pertencermos directamente como auxiliares e irmãs. Seríamos então *Filhas do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria* da Lorena Aliás, nós gostamos muito da Congregação do Espírito Santo!

Já há bastante tempo que decidimos consagrar a segunda-feira ao Espírito Santo. Também amamos muitíssimo o Coração Imaculado de Maria!... E o Venerável Libermann de quem temos a biografia e os escritos. Foi o nosso vigário actual, o Sr. P. Eich, quem, na sua grande devoção ao Venerável Libermann, nos inspirou amor e veneração pela Congregação do Espírito Santo e do Coração Imaculado de Maria ...”

A esta segunda carta, o superior de Neufgrange, P. Clauss,¹⁹ respondeu longamente no dia 1 de Dezembro de 1919. Escreve, entre outras coisas:

“Minhas meninas, vós perseverais no vosso projecto e desejais, mais uma vez, escutar o que se pensa em Neufgrange. Vou dizer-vo-lo sem rodeios. Enquanto a autoridade eclesiástica não se tiver pronunciado a favor desse projecto, nós estamos obrigados a ficar na nossa discrição. Por isso, seria bom que vos dirigísseis directamente ao Senhor Bispo de Metz. Se S^a Ex^a Rev^a for favorável, muitas dificuldades serão removidas. Se ele se opuser, todos os esforços serão inúteis... De qualquer modo, mesmo se o Sr. Bispo for favorável ao projecto, as dificuldades não faltarão.

Outras ainda, muito maiores, aparecerão. Todavia, se a obra for desejada por Deus, a Providência ajudará a superá-las todas. Haverá principalmente grandes tribulações para as fundadoras que precisarão de uma paciência heróica e de um espírito de sacrifício dignos dos primeiros cristãos, a fim de superar todos os obstáculos...”

Eugénie não duvidava que a obra fosse desejada por Deus. Por conseguinte, esta carta constituiu para ela um clarão na obscuridade. Não obstante as hesita-

*se a obra for
desejada por Deus,
a Providência
ajudará a
superá-las todas*

¹⁹ P. Emile Clauss (1866-1925): antigo Missionário de Zanzibar, acabava de ser nomeado superior de Neufgrange. Notícia biográfica: BG, t. 32, p. 130.

ções do P. Eich a respeito do objectivo da obra, ela continuava firme na sua posição. A 4 de Abril de 1920, escreve-lhe: *...contudo, vejo como fim principal as missões.*

O P. Eich não ousou dirigir-se ao Bispo de Metz. Indo a Roma para as festas da canonização de Joana d'Arc, ele aproveitou da ocasião para colocar num cesto de flores, uma carta dirigida ao Santo Padre. Nela se tratava das Virgens catequistas, mas nada ali figurava àcerca da *obra missionária*. Não nos admiremos que esta carta tenha ficado sem resposta! Antes da sua partida para Roma, Eugénie lhe tinha precisado ainda: “Quanto a Roma, faça como Jesus lhe inspirar. Jesus dá-me a entender que o fim da obra é as Missões e a ideia me vem sempre da mesma maneira ...” Tinha-se a impressão que o assunto se encontrava num beco sem saída.

A 3 de Junho de 1920, uma terceira carta foi enviada de Neufgrange pelo P. Clauss: “Uma pessoa que nada sabe do vosso plano – escreve ele – prontifica-se a oferecer uma quantia bastante importante de dinheiro para a fundação de uma casa de religiosas Missionárias na Lorena. Vejo nesta circunstância o dedo da Providência ... Em que ponto estão as vossas diligências no Bispado?”

O P. Eich decidiu-se então a seguir a via proposta pelos Espiritanos. A 5 de Junho de 1920, escreveu à Eugénie: *Temos de cumprir a vontade de Deus.* E Eugénie respondeu ao P. Clauss: *Estamos a escrever a Mons. Pelt.*²⁰

Mons. Alexandre Le Roy. A Fundação

Após a guerra de 1914-1918, os missionários de origem alemã tiveram de deixar a África Oriental e os Camarões. Mons. Alexandre Le Roy, Superior Geral da Congregação do Espírito Santo, foi encarregado pelo governo francês de fornecer pessoal missionário para aquelas regiões. Ali havia necessidade de Padres, mas também de Irmãs. Mons. Le Roy bateu a muitas portas de congregações femininas, mas as respostas eram unânimes: *não havia pessoal disponível.*

Naquela altura – 16 de Setembro de 1920 – Mons. Le Roy, em visita a Neufgrange, durante o jantar, à mesa, confia à comunidade o seu embaraço. O P. Karst interrompeu-o:²¹ *precisamente, Senhor Bispo, o Bom Deus está a preparar-vos Irmãs!* E comunicou-lhe a correspondência trocada com Eugénie Caps. No fim da refeição, Mons. Le Roy tomou conhecimento das cartas vindas de Bouzonville e, depois de as ter percorrido, tomado por uma indizível emoção, caíu de joelhos e exclamou: *É providencial!* Continuando a leitura ficou ainda mais emocionado; tal era a evidência àcerca da origem divina da oferta das moças de Bouzonville, que, desde aquele instante, ele se interessou por esta obra com afeição paternal que nunca foi desmentida.

²⁰ Mons. Jean-Baptist Pelt (1863-1937) sucedeu como Bispo de Metz, a Mons. Benzler, que pediu a demissão em 1919.

²¹ O P. Joseph Karst (1848-1924): antigo missionário do Bagamoyo, onde teve por confrade o P. Le Roy; fundador e antigo superior de Neufgrange. Notícia biográfica; BG, t. 31 p. 72

Jesus dá-me a
entender que o fim
da obra é as
Missões e a ideia
me vem sempre da
mesma maneira

Sem demora foi fixado um encontro que teve lugar na Casa-Mãe da Congregação do Espírito Santo, em Paris, 30 rue Lhomond, a 20 de Outubro de 1920. Estavam presentes neste encontro: Mons. Le Roy, o Sr. P. Eich, Marie-Eugénie Caps e Lucie Lay, uma das suas companheiras.²²

No fim da entrevista, Mons. Le Roy escreveu no seu relatório: “foi fácil entendermo-nos; um novo instituto seria formado, tendo os seus regulamentos próprios. O seu fim: trabalhar em colaboração com os Padres do Espírito Santo, nas missões e nas suas obras. O nome dele: como o dos Padres: Irmãs Missionárias do Espírito Santo sob a invocação do Coração Imaculado de Maria. Começar-se-á na Lorena para acolher as vocações que correriam o risco de se perder, mas ficando bem assente que o postulante estaria aberto a todas as boas vontades que se apresentassem.”

O Senhor Bispo voltava sempre a este ponto capital: o instituto seria exclusivamente missionário. Eugénie Caps tranquilizou-o dizendo-lhe que nunca tinham encarado as coisas de outro modo.

Em seguida enviou-os, acompanhados pelo P. Onfroy, a Nossa Senhora das Vitórias, a fim de colocar o Instituto nascente sob a protecção maternal do Coração Imaculado de Maria. Na tarde desse mesmo dia, Mons. Le Roy escreveu ao P. Eich: “Após diversas manifestações da Providência neste últimos tempos, relativamente ao projecto sobre o qual conversamos, penso que resistiria à vontade de Deus se não me prestasse a colaborar na sua realização. Colaboração prudente, sem dúvida, mas atenta e sincera...”

Primeiro prevista para o dia 8 de Dezembro, retardada por dificuldades relativas à habitação, a fundação terá lugar a 6 de Janeiro de 1921.

(A continuar)

*Enviou-os a Nossa
Senhora das
Vitórias, a fim de
colocar o Instituto
nascente sob
a protecção
maternal do
Coração Imaculado
de Maria*

²² Lucie Lay fazia parte do grupo dos princípios, mas não aceitou a aproximação com a Congregação do Espírito Santo que conduzia a deixar o P. Eich. Deixou a fundação no fim de alguns meses.

